



Compreensões da sexualidade através da lente da psicologia analítica: uma revisão de literatura

Jéssica Caroline dos SANTOS
Isadora Rangel Rossetim de SOUZA
Juan Caius Silvestre PAIM
Ana Carolina Grabowski de SOUZA
Beatriz Teles de BRITO

Laisa Kritski BRAZ

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, Instituto de Psicologia. Curitiba, PR, Brasil.

Resumo

Autor de correspondência

Isadora Rangel
Rossetim de Souza
isadora.rangel1904@gmail.com

Financiamento: Pesquisa financiada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, projeto de iniciação científica “Sexualidade na Psicologia Analítica”.

Conflito de interesses:

Os autores declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

A presente pesquisa teve o objetivo de responder como a psicologia analítica tem abordado o tema da sexualidade nas suas publicações científicas. O método empregado foi o de revisão integrativa de literatura, com pesquisa realizada nas bases de dados *Journal of Analytical Psychology* e Portal de Periódicos Capes. Na primeira, foram empregados os descritores: *sexuality*, *analytical psychology* e *jungian psychology*. Na segunda, foram utilizados: sexualidade, psicologia analítica e psicologia junguiana. Resultaram dessa busca oito artigos publicados nos últimos 20 anos e, além deles, acrescentou-se outros trabalhos para a fundamentação teórica. Os temas identificados nos resultados foram: aspectos histórico-culturais na leitura de *anima* e *animus*; a potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade; psicopatologia e sexualidade; e novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de *anima* e *animus*. O estudo aponta em direção a uma revisão dos pressupostos da psicologia analítica no que tange à sexualidade, para a compreensão do seu desenvolvimento e das implicações relacionadas às expressões de gênero. Concluiu-se que o tema necessita de pesquisas que tragam entrevistas e relatos de pacientes na clínica da sexualidade em psicologia analítica para que se possa compreender os sintomas que emergem das relações de poder hegemônicas.

Descritores

sexualidade, psicoterapia analítica, alma, feminilidade.



Recebido: 18 abr 2024; 1ª revisão: 24 ago 2024; Aprovado: 25 out 2024; Aprovado para publicação: 02 dez 2024.

Understanding of sexuality through the lens of analytical psychology: a literature review

Abstract

This research had the objective of answering how analytical psychology has approached sexuality in scientific publications. The method used was an integrative literature review, with research of Journal of Analytical Psychology and Portal de Periódicos Capes databases. In the first the descriptors were: *sexuality*, *analytical psychology* and *Jungian psychology*. In the second: *sexualidade*, *psicologia analítica* and *psicologia junguiana*. Eight articles were found with this research, all published during the last 20 years, besides, other papers were added to provide theoretical basis. The themes identified in the results were: historical and cultural aspects in the reading of *anima* and *animus*; the power of the feminine symbolic in the experience of sexuality; psychopathology in sexuality; and new archetypal perspectives about the classic reading of *anima* and *animus*. The study points towards a review of assumptions of analytical psychology regarding sexuality, to understand its development and the implications related to gender expression. The conclusion shows that more research is necessary, which should include interviews and reports from patients in the analytical psychology sexuality to enable the understanding of the symptoms emerging from hegemonic power relationships.

Descriptors

sexuality, analytical psychotherapy, soul, femininity.

La comprensión de la sexualidad a través de la lente de la psicología analítica: una revisión de literatura

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo responder cómo la psicología analítica ha abordado el tema de la sexualidad en sus publicaciones científicas. Hemos utilizado el método de revisión

integradora de literatura, realizando investigação en las bases de datos del Journal of Analytical Psychology y del Portal de Periódicos Capes. En la primera se emplearon los descriptores: *sexuality*, *analytical psychology* y *jungian psychology*. En la segunda se utilizaron: *sexualidade*, *psicologia analítica* y *psicologia junguiana*. Los resultados arrojaron ocho artículos publicados en los últimos 20 años, y además, se añadieron otros trabajos para servir de fundamento teórico. En los resultados se identificaron los siguientes: aspectos históricos y culturales en la lectura de *anima* y *animus*; el poder de lo simbólico femenino en la vivencia de la sexualidad; psicopatología y sexualidad; y nuevas perspectivas arquetípicas sobre la lectura clásica de *anima* y *animus*. El estudio apunta en dirección a una revisión de las hipótesis de la psicología analítica sobre la sexualidad, para la comprensión de su desarrollo y de las implicaciones relacionadas a las expresiones de género. Se concluyó que el tema requiere investigación que contenga entrevistas y relatos de pacientes en la clínica de la sexualidad en psicología analítica para que sea posible comprender los síntomas que surgen de las relaciones hegemónicas de poder.

Descritores

sexualidad, psicoterapia analítica, alma, feminidad.

Introdução

O estudo específico sobre a sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero e disfunções sexuais é um campo que ainda necessita de maior exploração acadêmica na psicologia analítica. O termo sexualidade pode ser associado ao movimento da energia psíquica e sua função simbólica na psique, assim como à expressão dos arquétipos de *anima* e *animus* em seu contexto histórico-cultural.

Para Jung (1928/2013), a libido é uma energia psíquica fundamental que impulsiona a vida psicológica, trata-se do direcionamento da atenção psicológica, do movimento da psique, de maneira diversa da psicanálise freudiana, ela não está relacionada apenas ao contexto da sexualidade. De acordo com Jung (1928/2013), a libido é neutra e pode ser direcionada para vários contextos da experiência, incluindo a sexualidade, trabalho, família, religião entre outros. Os conceitos de progressão e regressão estão relacionados ao movimento da energia psíquica entre a consciência e o inconsciente. Progressão é o direcionamento energético para fora e a regressão é o caminho

para a introversão. Nesse sentido, um sintoma do campo da sexualidade pode evidenciar um conteúdo inconsciente constelado que chega à consciência na forma de sintoma. Existem outras funções da energia de acordo com Jung (1928/2013), a entropia é uma tendência ao equilíbrio psíquico e o princípio da equivalência é uma redistribuição contínua da energia dentro de uma personalidade. Se a energia gasta em certas condições ou atividades enfraquece ou desaparece, é transferida para outro lugar da psique.

É importante reiterar que a energia psíquica é essencialmente simbólica, nesse contexto, Jung (1968/2013) caracteriza símbolo como um "conceito, uma imagem, ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicam um sentido oculto, obscuro e desconhecido" (Jung, 1968/2013, p. 202, para. 416). Nesse sentido, os símbolos sempre apontam para um significado profundo, a interpretação é um conteúdo que não está pronto, encontra-se em processo de construção do nível inconsciente para o consciente. Jung diferencia os símbolos dos signos – estes últimos demonstram significados conhecidos e compartilhados, por exemplo, as identidades visuais das empresas.

Ampliando essa perspectiva, para Hillman (2008), o símbolo pode se tornar uma imagem se for analisado segundo as particularidades e o contexto do indivíduo. De acordo com o autor, o processo de simbolização ocorre de forma espontânea na psique e transporta pelo menos uma ideia principal manifestada em uma imagem, trazendo profundidade para a experiência humana.

Assim, a abordagem simbólica permite um contato com a tradição imaginativa e uma análise dentro dos aspectos culturais.

Dessa forma, a energia direcionada à sexualidade precisaria ser entendida dentro dos aspectos históricos-culturais. Carelli (2017) afirma que a sexualidade, ao longo das épocas, foi vivenciada e tratada de diferentes maneiras. Na Idade Média, era associada ao medo e à culpa; a mulher, considerada pecadora natural, deveria se restringir às atividades do lar; a homossexualidade, largamente condenada. A Idade Moderna, conforme a autora, tornou o sexo mais realizável, embora às mulheres ainda pertencesse o lugar do recato. Mais tarde, no Iluminismo, o sexo passou a fazer parte da vida privada, ainda sendo condenadas a masturbação e a homossexualidade. As autoridades médicas acreditavam que as mulheres não tinham desejos sexuais. Na Idade Contemporânea, o vitorianismo, conforme Carelli (2017), foi

o auge da repressão sexual. Virtuosa era a mulher que agia com indiferença à sexualidade. A homossexualidade foi considerada desvio patológico.

Nos séculos XX e XXI, ainda segundo Carelli (2017), direitos foram reivindicados. A priorização do prazer no sexo, em detrimento da reprodução, modificou diversas ideologias em torno da sexualidade. Questionou-se os papéis sociais divididos por gênero e os preconceitos. No século XXI, passou-se a combater a violência contra minorias, dentre elas, no tema da sexualidade, mulheres, homossexuais, transexuais e profissionais do sexo. A masturbação deixou a categoria de tabu e a homossexualidade saiu dos manuais de medicina. As cirurgias transexualizadoras tornaram-se mais acessíveis no Brasil (Carelli, 2017).

Ainda assim, preconceitos e esterótipos continuam a ser produzidos e reproduzidos por intermédio de práticas discursivas, as quais se inserem no conhecimento científico sobre a sexualidade e desaguam em uma série de desafios. Como exemplo, Ciasca e Pouget (2021) citam a despatologização da assexualidade e das identidades trans e intersexo e a interseção da sexualidade com raça e classe social.

Aufranc (2018, p. 38) relaciona o assunto com sexualidade da mulher: "A cultura judaico-cristã associa o princípio masculino, solar, discriminativo, ativo, *logos* espírito ao homem, e o feminino, lunar, reflexivo, passivo, *eros*, matéria, à mulher". Para a autora, os aspectos culturais ainda manifestam uma evidente repressão ao campo feminino e à mulher, devido à dominância do patriarcado com uma sobrevalorização do masculino. Na sua pesquisa, Aufranc (2018) descreve que as mulheres foram categorizadas em virgem santa, mãe dos filhos e a prostituta com quem se pode viver o prazer, refletindo ecos até hoje na psique coletiva feminina. Portanto, torna-se necessário uma reflexão histórico-cultural sobre a vivência da sexualidade, segundo as influências do modelo hegemônico do patriarcado, enfatizando as repercussões no campo psíquico.

Outro ponto de vista sobre a sexualidade no campo junguiano pode partir das reflexões míticas e psicológicas a respeito de Eros. Segundo Brandão (2007), o mito de Eros e Psique descreve a relação entre um Deus e uma mortal. Psique era uma mulher muito bonita que foi desposada por Eros, no entanto, sua curiosidade a levou a olhar o seu rosto e, conseqüentemente, à quebra do acordo que tinha com seu esposo. Nesse momento, Eros vai embora e Psique começa a sua jornada para reconquistar o seu amor, ao mesmo tempo em que vai

amadurecendo a si mesmo. A visão psicológica do amor foi destacada por Quintaes (2018), trata-se de uma condição de estranhamento para o ego, pois o amor contém rastros do investimento energético do sujeito. Eros movimenta, busca relacionar o sujeito com seu inconsciente e com o direcionamento da sua vida consciente.

O sentido existente nas experiências da vida é, portanto, a presença de Eros e, nesse contexto, é importante que o psicólogo entenda qual o significado das narrativas sobre as experiências desconfortantes relacionadas à sexualidade. Existe algo que o sujeito precisa analisar e movimentar em si mesmo e no mundo?

Conceitualmente, a *anima* e o *animus*, não identificados a padrões rígidos, seriam as contrapartidas necessárias à individuação. A integração das diferentes polaridades na procura pelo desenvolvimento do que é próprio de cada um (Aufranc, 2018).

Nessa perspectiva, segundo a Organização Mundial da Saúde (*World Health Organization* [WHO], 2017), a sexualidade é definida como uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade, ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser sensual e, ao mesmo tempo, ser sexual. Então, mostra-se importante buscar responder como a psicologia analítica tem apresentado a temática da sexualidade em suas pesquisas, a fim de contribuir com novos estudos nessa epistemologia e de apresentar uma reflexão que é atravessada pelo olhar histórico e simbólico.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura de caráter qualitativo e descritivo. Instrumento da prática baseada em evidências, a revisão integrativa de literatura visa a demarcar o conhecimento científico atual sobre um tema específico, a partir da identificação, análise e síntese dos resultados de pesquisas independentes que abordam a temática de interesse (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Prezando pela qualidade da evidência, a revisão integrativa proporciona uma avaliação crítica da aplicabilidade clínica dos dados sintetizados para a prática dos profissionais de saúde e permite direcionamento para futuros estudos (Souza *et al.*, 2010; Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Atentando para isso, Souza *et al.* (2010) dividem a revisão integrativa de literatura em seis etapas: (i) formulação da

pergunta norteadora, (ii) procura ou amostragem de artigos na literatura, (iii) coleta de dados, (iv) apreciação crítica dos estudos incluídos, (v) discussão dos resultados e (vi) apresentação da revisão integrativa.

A pergunta norteadora do presente estudo foi: como a psicologia analítica aborda o tema da sexualidade nas suas publicações? As bases de dados eletrônicas usadas foram o portal do Portal de Periódicos da Capes e a revista *Journal of Analytical Psychology*, por meio do portal *Wiley Online Library*. Para o levantamento das pesquisas publicadas sobre esse tema no Portal de Periódicos da Capes foram utilizados os seguintes descritores: sexualidade, psicologia analítica e psicologia junguiana. Foram incluídos quatro filtros de busca da seguinte maneira: “psicologia analítica e sexualidade ou psicologia junguiana e sexualidade”. No portal *Wiley Online Library* foram utilizados os descritores: *sexuality*, *analytical psychology* e *jungian psychology*. Foram empregados três filtros de busca, um para cada descritor, uma vez que nesse portal não há a opção de procura pelo uso de conectivos (e/ou). Em “*Published in*”, selecionou-se “*Journal of Analytical Psychology*”.

Outras bases de dados, como o Google Acadêmico, não foram utilizadas por apresentarem, em busca preliminar, resultados demasiado generalistas e fora dos critérios de inclusão. Tanto no Portal de Periódicos da Capes quanto no portal *Wiley Online Library* foi realizada busca avançada para contemplar os critérios de inclusão referentes ao ano de publicação e ao idioma. Todos os artigos encontrados foram individualmente abertos para checagem das palavras-chave.

Como critérios de inclusão foram considerados: (i) artigos publicados de forma completa; (ii) estudos que tinham como principal objetivo discutir a sexualidade sob a perspectiva da psicologia analítica; (iii) artigos que continham as palavras “sexualidade” e “psicologia analítica” e/ou “psicologia junguiana” no título e/ou nas palavras-chave; (iv) artigos cujo resumo abordava o tema da sexualidade sob a ótica da psicologia analítica; (v) artigos em português, espanhol e inglês; e (vi) artigos publicados entre 2003 e 2023. Os critérios de exclusão consistiram em: (i) artigos disponibilizados parcialmente; (ii) textos que não tinham como objetivo central debater a sexualidade sob a perspectiva da psicologia analítica; (iii) artigos que não continham as palavras “sexualidade” e “psicologia analítica” e/ou “psicologia junguiana” no título e/ou nas palavras-chave; (iv) artigos cujo resumo não abordava o tema da sexualidade sob a ótica da psicologia analítica; (v) artigos em outros idiomas que

não o português ou o inglês; e (vi) pesquisas publicadas antes de 2003.

Resultados

O período de coleta de dados estendeu-se de outubro a novembro de 2023. Ao todo foram encontrados 119 artigos: 76 no portal *Wiley Online Library* e 43 no Portal de Periódicos da Capes. Dos 119, foram selecionados oito artigos, três no primeiro portal e cinco no segundo. Os artigos excluídos não se adequaram aos critérios de seleção da pesquisa porque não tinham as palavras “sexualidade”, “psicologia analítica” e/ou “psicologia junguiana” no título nem nas palavras-chave ou não abordavam a sexualidade sob a ótica da psicologia analítica no resumo. A seleção dos artigos está descrita no fluxograma da Figura 1.

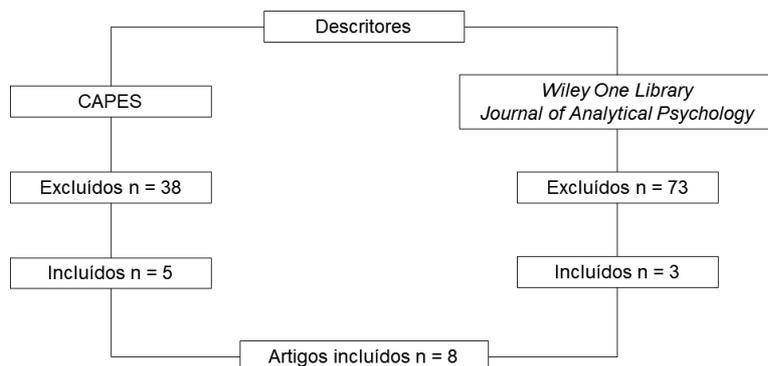


Figura 1. Fluxograma de busca e seleção dos estudos
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Os artigos selecionados correspondem aos anos de 2011 a 2023. A análise do material foi feita em quatro etapas de acordo com a metodologia científica proposta por Lakatos e Marconi (2003): (i) exame crítico dos dados coletados; (ii) levantamento das informações essenciais; (iii) agrupamento e classificação conforme as principais temáticas abordadas pelos autores; (iv) análise final. A apuração dos artigos resultou em quatro categorias de análise, cujas temáticas principais foram:

- 1) aspectos histórico-culturais na leitura de *anima* e *animus*;
- 2) a potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade;

3) psicopatologia e sexualidade; e

4) novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de *anima* e *animus*.

As categorias de análise estão descritas por artigo no Quadro 1.

Quadro 1. Categorias de análise levantadas

| Título do artigo | Periódico | País (ano) | Categoria de análise |
|--|--|------------------------|--|
| Reflexões sobre o conflito entre religião e homossexualidade | Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo | Brasil (2020) | Aspectos histórico-culturais na leitura de <i>anima</i> e <i>animus</i> |
| <i>Creando desde Afrodita o Venus: una representación femenina arquetípica del amor, la sexualidad, el cuerpo y la función alquímica de transformación</i> | Revista Colombiana de Ciencias Sociales | Colômbia (2011) | A potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade |
| <i>Schreber: an approach to soul androgyny</i> | Journal of Analytical Psychology | Brasil (2022) | Psicopatologia e sexualidade/ novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de <i>anima</i> e <i>animus</i> |
| <i>The Syzygy, Reformulation and New Perspectives: Dreams, Anima-Animus and Gender</i> | Journal of Analytical Psychology | Chile e Uruguai (2023) | Novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de <i>anima</i> e <i>animus</i> |
| <i>Narcissism – the refusal of twoness through sexual addiction and pornography</i> | Journal of Analytical Psychology | Estados Unidos (2022) | Psicopatologia e sexualidade |
| Projeções, fantasias e relações sociais: uma análise junguiana sobre a pornografia na atualidade | Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo | Brasil (2021) | Aspectos histórico-culturais na leitura de <i>anima</i> e <i>animus</i> |

| Título do artigo | Periódico | País (ano) | Categoria de análise |
|--|--|---------------|---|
| O falar da alma nas disfunções sexuais | Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo | Brasil (2016) | Psicopatologia e sexualidade |
| A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira | Sexualidad, Salud y Sociedad | Brasil (2021) | Psicopatologia e sexualidade/ aspectos histórico-culturais na leitura de <i>anima</i> e <i>animus</i> |

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A categoria de análise "aspectos histórico-culturais na leitura de *anima* e *animus*" foi selecionada por ser um tema recorrente em três artigos: o primeiro, de Gonçalves (2020), traz um panorama histórico e cultural do preconceito religioso contra homossexuais, relacionando-o aos conceitos de *anima* e *animus*; o segundo, de Trento, Paula, Rocha e Luiz (2021), relaciona a projeção de conteúdos psíquicos na pornografia, o *anima* e *animus* e os processos culturais da era do consumismo; e o terceiro, de Magaldi (2018), investiga por meio do caso de Adelina Gomes, paciente de Nise da Silveira, de que forma a psicologia analítica naturalizou a feminilidade e a masculinidade nos conceitos de *anima* e *animus*.

Os autores Imperatrice (2016), Magaldi (2018), Fuentes (2022) e Schwartz (2022) estudaram a psicopatologia sob o enfoque da sexualidade na psicologia analítica e, por isso, foram inseridos na categoria de análise "psicopatologia e sexualidade". O artigo de Imperatrice (2016) retrata especificamente as disfunções sexuais à luz dessa abordagem teórica.

A categoria "a potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade" foi levantada porque o artigo de Palacio (2011) aborda especificamente a relação entre símbolos do feminino, como Afrodite e Vênus, com a experiência da sexualidade.

Por sua vez, os artigos de Fuentes (2022) e Saiz *et al.* (2023) trazem um conceito emergente em termos de sexualidade na psicologia analítica, o andrógino, sendo inseridos na categoria "novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de *anima* e *animus*".

Discussão

Ao longo desta seção do artigo o leitor se deparará com a frequente análise da relação entre *anima*, *animus* e sexualidade. Na obra de Jung, *anima* e *animus*, ambas forças arquetípicas inconscientes, foram consideradas respectivamente como a contrapartida feminina que reside no inconsciente do homem e o aspecto masculino inconsciente na mulher, os dois projetados nos relacionamentos afetivos (Jung, 1968/2013). Essa noção clássica de *anima* e *animus*, contudo, tem sido revisitada por diversos autores e separada dos conceitos de gênero e sexo (Fuentes, 2022; Hillman, 2020; Saiz *et al.*, 2023).

Para alguns autores, a *anima* não se restringe ao inconsciente do homem, é mais do que a feminilidade circunscrita meramente em um papel social. *Anima* e *animus* são expressões do si-mesmo que participam na construção da identidade superficial dos sujeitos, incluindo aí a identidade sexual (Saiz *et al.*, 2023). Ambas essas forças arquetípicas estão presentes nas pessoas independentemente do gênero, transcendendo o corpo e o culturalismo, colocando processos psíquicos em movimento e manifestando a sua própria potência criativa sem necessariamente se definirem enquanto meras contrapartidas, mas se relacionando de forma fluida (Fuentes, 2022; Saiz *et al.*, 2023). Falar sobre sexualidade por via da psicologia analítica comporta, portanto, falar sobre *anima*, *animus* e seus entrelaçamentos na construção da identidade sexual.

Aspectos histórico-culturais na leitura de *anima* e *animus*

Em relação aos pares arquetípicos opostos e complementares, Gonçalves (2020) argumenta que a interpretação concreta e não simbólica da sizígia entre *anima* e *animus* é uma das etiologias do preconceito religioso contra homossexuais. A união entre um deus e uma deusa - o casal divino - é retratada em diversas religiões e até mesmo na alquimia (Gonçalves, 2020; Hutin, 2010), sendo imagens dos arquétipos de *anima* e *animus*.

O problema ocorre quando o casal divino mitológico, majoritariamente heterossexual, é interpretado de maneira concreta: não como a união simbólica entre pares de opostos necessários ao desenvolvimento psíquico, mas como a literal união divina entre um homem e uma mulher. Sob esse viés, conforme Gonçalves (2020), a homossexualidade, assim como outras formas de expressar a sexualidade, passa a se opor à ordem dos deuses e torna-se um tabu.

A perspectiva rígida e de caráter cultural na interpretação dos símbolos religiosos judaico-cristãos tende a supervalorizar não apenas a heterossexualidade, como também o masculino (Gonçalves, 2020). Aufranc (2018) tece esse argumento ao expor o panorama da situação da mulher no Brasil colonial, época em que o corpo feminino tinha mera função reprodutiva e era visto como uma tentação diabólica. O prazer era negado a elas; a virgindade, obrigatória; o adultério, passível de pena de morte, conforme ditado pelas autoridades religiosas da época. Às indígenas e negras restringia-se o papel de prostitutas e amantes. Por outro lado, o prazer do homem branco, iniciado na sombra social da senzala, era considerado natural.

Magaldi (2018) articula a repressão da *anima* em um contexto opressivo à mulher com o caso de Adelina Gomes, paciente de Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Impedida de viver uma paixão e obrigada a se submeter a um contexto familiar e social opressor ao sexo feminino, em que não era incomum jovens mulheres obedecerem incondicionalmente à autoridade do julgamento materno, a vivência plena da feminilidade e a satisfação dos instintos foram negadas a Adelina. À mulher destinava-se a reprodução e a maternidade, não a realização dos seus próprios projetos de vida. Adelina, profundamente abalada, teve uma quebra psíquica. Foi internada, diagnosticada com esquizofrenia.

No seu processo de tratamento por meio de recursos expressivos, proposto por Nise, Adelina pintou diversas imagens do feminino, como flores e mães, e foi por meio delas que Nise pôde acompanhar a evolução da paciente. Adelina costumava pintar flores com rostos de mulheres. Nise as interpretou por meio do mito grego da ninfa Dafne, que se transformou em flor em recusa ao amor do deus Apolo, perseguidor, sinalizando uma identificação de Adelina com a mãe opressora. Foi quando Adelina finalmente pintou uma flor que não era mulher que Nise comemorou uma grande evolução da paciente. Para Magaldi (2018), isso demonstra o caráter arquetípico, ancestral e anterior a qualquer noção de diferenciação biológica, dado ao feminino na psicologia analítica.

Considerando a relação entre estrutura da psique e cultura, Trento *et al.* (2021) abordam a questão da pornografia, cuja relação com *anima* e *animus* está na projeção. A pornografia é a exposição do íntimo, a representação do obsceno - daquilo que está "fora de cena" -, não sendo boa nem ruim em si mesma, embora por vezes seja considerada um tabu. Isso se dá devido à conexão pouco reconhecida com o deus grego Dionísio, o

símbolo mitológico dos desejos carnis e impulsos primordiais. A resistência social em relação a esses conteúdos leva a uma experiência inconsciente desses desejos: quando reprimidos, eles se manifestam de maneira indireta, como projeções, refletindo a complexa interação entre desejos subjetivos, normas culturais e o inconsciente.

Nesse contexto, considerando a busca pela realização dos desejos, Trento *et al.* (2021) relacionam a noção de *anima* e *animus* ao vício em pornografia. Quando essas duas facetas são vividas de forma negativa, conectam-se com a fantasia de forma inconsciente e acabam por não contribuir para o desenvolvimento psíquico. Na busca pelo prazer, surge a busca pelo parceiro perfeito e pela realização do desejo de maneira altamente idealizada, similar ao comportamento de Narciso, que encontra satisfação em sua própria imagem. A compulsão é então levada pela vivência da imagem do parceiro sexual ideal, projetada de maneira unilateral. Por fim, cabe ressaltar uma possível crítica feita por Pessoa (2021) aos conceitos clássicos de *anima* e *animus*, relacionando-os à sexualidade presente na cultura atual. Enquanto contrassexualidades inconscientes e complementares, o autor afirma que esses foram dois dos poucos conceitos elaborados por Jung, homem branco heterossexual, que não seguiram o rigor científico que ele defendia, mas deduções provavelmente embebidas do complexo cultural heteropatriarcal que domina as sociedades desde a Revolução Industrial. Esse complexo, defende Pessoa (2021), é o responsável pela crença de que existem apenas dois gêneros e dois sexos e de que a homo e a heterossexualidade são as únicas formas de experimentar a sexualidade, formas que existiriam desde os primórdios da humanidade e seriam, portanto, arquetípicas.

Pessoa (2021) levanta a hipótese de que os conceitos de *anima* e *animus* não tenham escapado desse complexo cultural. Pelo contrário, tenham se pautado justamente no binarismo surgido desse complexo, nascendo assim uma psicologia heterossexualizada, pautada na dualidade opositora. A solução para essa questão, afirma o autor, é que da dualidade emergja um terceiro elemento e depois um quarto; e que se combata o enraizamento no dois.

A potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade

Para retratar a potência do simbólico feminino, é necessário correlacioná-lo ao conceito de *anima* segundo a psicologia analítica. Para Jung (1928/2015), *anima* é o arquétipo

relacionado ao inconsciente. A conexão com o mundo interior é permeada por esse termo que se opõe a persona e possibilita uma conexão com o universo dos sentimentos, da subjetividade e da profundidade dos fenômenos vivenciados. *Anima* e *animus* são conceitos descritos por Jung (1928/2015) para retratar a dinâmica dos arquétipos feminino e masculino no inconsciente de homens e mulheres, respectivamente. Sua expressão projetiva poderia ser observada nos relacionamentos afetivos.

Para além dessa visão da contrassexualidade proposta por Jung (1928/2015), Hillman (2020) estende seu significado ao defender que homens e mulheres possuem *anima*. O mundo masculino, representado por *logos*, ou seja, pela racionalidade, é predominante, então, é necessário um novo caminho em busca da interioridade, reimaginando as relações vivenciadas dos sujeitos com o mundo interno e externo.

Diante dessas concepções, compor o campo da sexualidade é uma vivência que precisa ser reimaginada para uma esfera que contemple os aspectos da *anima*, pois o próprio conceito abordado pela OMS retrata a busca pelo amor, contato, ternura e intimidade. Trata-se de uma relação permeada por sentimentos e suas interações e, nesse sentido, a *anima* é o cuidado, o aprofundamento desses aspectos explorados pelas pessoas. Em outras palavras, não é uma conexão mecânica, controlada, focada no biológico e na reprodução, mas na integração do ser, com seu corpo, seus afetos e sua alma.

Para fundamentar essa discussão, Palacio (2011) apresenta a mitologia grega de Afrodite ou romana de Vênus na correlação com o simbólico feminino. A autora descreve que esse mito é uma possibilidade de reflexão profunda sobre o feminino na sua intimidade e conexão com a psique. A imagem de Afrodite, segundo Palacio (2011), corresponde à mulher mítica representada nos fios da sua história, nas emoções, na sexualidade e no corpo. A imagem dessa deusa é a ilustração da beleza, da perfeição, daquele sentimento de arrebatamento.

Por outro lado, Palacio (2011) igualmente critica a hegemonia do simbólico do masculino na sociedade, que reproduz racionalidade, competitividade, guerra e consumismo, resultando na desvalorização daquilo que compõe o feminino.

Eu comecei a compreender o porquê em mim e nos contextos sociais, acadêmicos e de trabalho onde participei, o feminino é envolto em trevas, e valores masculinos, como a competição e a formação

intelectual, são privilegiados, expressando medo, maus-tratos e desprezo por aspectos que, supervalorizados em mulheres desde tempos imemoriais e classificadas como negativos, podem ser vistos em figuras como Eva e Pandora (Palacio, 2011, p. 105, tradução nossa).

O texto de Palacio (2011) apresenta a metáfora de figuras femininas que foram culpabilizadas pelos sofrimentos direcionados à humanidade. Nesses relatos, o comportamento das mulheres induziu os homens, que as acompanhavam, a expressarem atitudes contrárias aos princípios que vivenciavam. Além de Eva e Pandora, Barcellos (2019) afirma que Afrodite é uma das configurações mitológicas mais reprimidas: eternamente moça e feliz, ela faz amar, atrai, fascina, enreda, é uma sensação de arrebatamento de gozo e êxtase. Representante da liberdade, eternamente livre, ela vai para onde quer. "Quando você está atraído por algo, de fato apaixonado por algo, pela beleza de alguma coisa, você fica moço, livre e feliz" (Barcellos, 2019, p. 31).

De acordo com Palacio (2011), enquanto deusa do amor e da sexualidade, Afrodite é imprevisível, misteriosa e potencialmente irresistível, estando ligada às águas primordiais do mar, de onde emerge em uma das versões do mito. Seguindo essa história, Palacio (2011) descreve que Afrodite personifica o arquétipo da amante, da vulnerabilidade, sua mitologia se entrelaça com outros deuses masculinos como Hefesto e Ares. Nesse sentido, a deusa é associada à maternidade e a transformações, pois, sua união com Ares, por exemplo, resultou nos seus descendentes (Eros, Hermafrodito, Deimos, Fobos e Harmonia). É possível observar a pluralidade das características da deusa presente na diversidade da expressão feminina.

Seguindo esse pensamento, Palacio (2011) identifica que a deusa é uma metáfora das relações preenchidas de carinho, valorização das emoções nos relacionamentos, culto ao jogo erótico, paixão e sedução. Destaca-se o desenvolvimento sexual como um importante processo do desenvolvimento humano, e Afrodite é a demonstração da conexão do homem com o universo do corpo e das sensações, com aquilo que faz as pessoas vincularem-se ao objeto amado. Afrodite é o próprio objeto amado (Barcellos, 2019).

No entanto, para Palacio (2011), quando retratamos a expressão da sexualidade feminina, ela ainda é um elemento de contradição: a sociedade valoriza mais os seus elementos masculinos, reconhecendo a mulher estudada e competitiva. O universo de Afrodite torna-se novamente reprimido. O potencial

do simbólico feminino é, justamente, a liberdade para vivenciar a diversidade, reimaginando-se para além das figuras que a sociedade impõe, com ênfase no comportamento sexual das mulheres.

Resgatar a deusa e suas metáforas é reconhecer que a união sexual simboliza integração e conhecimento no decorrer do desenvolvimento psicológico, ela é inspiração, criação, conexão, não apenas na relação com outras pessoas, mas consigo mesma, sentindo o próprio corpo e as emoções (Barcellos, 2019; Palacio, 2011). Pode-se afirmar que o culto a Afrodite é uma ligação da imagem de si-mesmo, mais integrada ao inconsciente, ao próprio crescimento enquanto pessoa, proporcionando segurança e ressignificando as imagens de Eva e Pandora, como culpabilizadas ou servis, para experimentar uma sexualidade mais voltada ao campo da *anima*, do fazer diferente e do simbolismo de Afrodite.

Novas perspectivas sobre a leitura clássica *anima* e *animus*

Partindo de uma noção de contrassexualidade proposta inicialmente por Jung, os analistas pós-junguianos sugerem uma revisão desse modelo, trazendo a ideia de que a *anima* e o *animus* compõem a psique, mas se encontram para além da definição de sexo, gênero e da identidade sexual. Com base nisso, torna-se essencial a exploração do andrógino na psique do homem e da mulher, a fim de desidentificar a ligação direta do feminino com a mulher e do masculino com o homem. Essa desidentificação torna-se possível quando há a retirada das projeções e a mudança de paradigma, de uma lógica binária hegemônica influenciada pela dinâmica patriarcal (Saiz *et al.*, 2023).

Segundo Saiz *et al.* (2023), o feminino, o masculino e o andrógino são elementos presentes não apenas na natureza, mas também na psique. Na psique humana essas energias diferenciam-se da energia egóica e manifestam-se como energias arquetípicas que se encontram no homem e na mulher. *Anima*, *animus* e andrógino consistem em nomes utilizados para designar a energia feminina, masculina e andrógina da psique. Essas energias fluem entre si, resultam na expressão da criatividade e permanecem em uma sincronia com a individuação.

Uma das teorias vigentes define a sexualidade a partir do desenvolvimento dos órgãos reprodutores e das mudanças corporais, levando em consideração as diferenças anatômicas do sexo fundamentado nos cariótipos formados pelos

cromossomos sexuais XX (feminino) e XY (masculino), ou seja, a sexualidade é definida de forma inata. Em contraponto ao inatismo, Fuentes (2022) cita o autor Hillman (2020), o qual defende que os homens e as mulheres possuem tanto padrões femininos quanto masculinos e que ambos manifestam, assim, a *anima* e o *animus*. Desse modo, tratam-se de arquétipos universais, presentes nos mitos, na cultura, e que fazem parte da natureza humana, independentemente de características biológicas (Fuentes, 2022).

Logo, é essencial que o psicólogo, na psicologia analítica, busque uma visão ampla sobre o tema, que não penda para o inatismo ou o culturalismo, quando o trabalho trata de um fenômeno complexo que é a sexualidade, identidade de gênero e suas expressões. Na clínica, encontra-se a expressão do esforço da psique em unir os opostos da alma, como energia psíquica, por meio dos símbolos, sendo eles os sonhos, delírios e literalizações. É possível encontrar forças impulsivas e instintivas relacionadas às preferências sexuais e emocionais que, ocasionalmente, divergem ou convergem da identidade de gênero, corpo biológico, anatomia sexual e das conexões afetivas.

Psicopatologia e sexualidade

A autora Imperatrice (2016) destrincha o processo da realidade sexual no psiquismo humano a partir da psicologia analítica, assim como nos apresenta processos ligados à psicopatologia que podem nascer desse contexto. Para a psicologia analítica, toda "disfunção", na realidade, apresenta muita função, revelando-nos que o plano da patologia é uma categoria baseada em um comodismo egóico. Em última instância, a diferença entre uma doença e uma bonança na saúde é feita a partir de uma régua que utiliza o conforto, a segurança e o medo da morte do ego como referência; ambas nascem da paixão (*páthos*), mas se distinguem a partir de uma métrica arbitrária. De maneira geral, os processos percebidos enquanto perigo ao ego são conteúdos latentes do inconsciente que ameaçam o construto rígido do ego e que lhe oferecem suporte, segurança, certeza e atividade.

A patologia no campo da sexualidade aborda muitas questões complexas, pois movimentam um campo central na personalidade: a sexualidade. O sexo, compreendido além das questões físicas, também diz respeito ao processo de não ser inteiro, do desejo e do amor e, nesse caso, enquanto Eros, é a força que empurra o indivíduo a ser inteiro, a se direcionar à completude da união do que foi separado. Tal processo faz-se dentro de uma instância

que acontece entre o “eu” e o “outro”, sendo justamente o Eros, muitas vezes, o fator que permite essa separação, assim como o que promulga a sua união em um só corpo. O justo movimento do Eros de ser algo do “outro” no “eu”, uma vez que impulsiona o ego no mundo, sem que ele saiba ou consinta, caracteriza-o como um grande meio de contato com o inconsciente. Imperatrice (2016) ainda acrescenta que esse movimento é uma abertura aos conteúdos que vêm de baixo e que, não oferecendo resistência, não há conflito, assim não existe tensão que desague no sintoma. Dessa forma, os processos que apontam para as patologias estão sempre visando à integração de conteúdos escondidos e abafados, uma vez que toda patologia direciona para alguma vivência edificada em uma paixão e, sendo essa o motor que lança o indivíduo a seu eu não vivido - o outro no eu -, é ela em si o caminho para a autodissolução em uma nova integração.

Tal visão simbólica a respeito do fenômeno sexual deu aporte a outras maneiras de lidar com a sexualidade, permitindo uma visão mais ampla e fenomenológica dos aspectos eróticos e de como eles conduzem o indivíduo em sua vida, empurrando-o sempre em direção a si mesmo.

O contexto do que é psicopatológico também perpassa certos ideais, contextos e epistemologias. Fuentes (2022) traz um caso muito conhecido no campo da psicanálise, apresentando-o também pela via da psicologia analítica e ampliando os sentidos de sexualidade e sexo, o de Schreber, paciente de Freud. O paciente descreveu que sentia que seu corpo havia se tornado feminino, com momentos em que se percebeu tendo genitais femininos, e que então foi fecundada por Deus, um fenômeno análogo ao milagre de Cristo e que tangencia a totalidade da androginia e da capacidade de se autogerar. Jung, ao se deparar com o caso Schreber, considerou tais fenômenos como processos organizadores da personalidade, reconhecendo a emergência do feminino enquanto uma tentativa de integração de um grande conteúdo inconsciente ao sujeito. Essas uniões de processos, antagônicos em aparência, acabam sempre por invadir a consciência e reconstituem o espaço psíquico em uma nova ordem ou lei, como se pela catarse houvesse uma grande rebelião dos personagens da psique para destronar a lei vigente e sufocante, estabelecendo uma nova ordem da erupção daquilo que há tempos estava preso, velado e secreto. Dessa forma, o que havia sido reconhecido enquanto uma psicopatologia, com hipóteses que circulavam a paranoia e a “homossexualidade passiva” para a psicanálise da época, foi descrito por Jung como

um movimento integrativo da psique. Jung abordou tanto o psiquismo quanto a sexualidade de forma profunda, demonstrando os fenômenos sexuais enquanto isso: fenômenos, para além de alguma normativa ou expectativa existencial sobre o indivíduo.

Indo além do processo de união dos opostos, buscando por sua completude, pode-se observar a sexualidade como uma dinâmica psíquica do “eu-outro”. Tal dinâmica é tão fundamental na relação do indivíduo com a realidade, que os afetos que surgem entre esses dois polos podem fundamentar certos esquemas na interação do indivíduo com o mundo e que acabam por se perpetuar em sua história de vida. Um desses exemplos é o construto narcísico e o que Susan Schwartz (2022) chama de personalidade “como-se”.

O narcisismo e o mito de Narciso apresentam movimentos relacionais intrapessoais que participam da fundamentação da vivência humana. Considera-se que o próprio movimento das personas deriva do construto narcísico, porém, em alguns casos, como apresentado por Schwartz (2022), tal dinâmica erótica pode ser o pilar central da personalidade, caracterizando-se como uma psicopatologia. Esse movimento pode apresentar um indivíduo que, assim como narciso, procura ser visto e apreciado ao mesmo tempo em que teme a exposição e a fragilidade. Isso pode ser edificado a partir de uma experiência de vida carente de olhares ou acolhida. Em analogia a Narciso, por nunca ter sido visto, por não ter espelho que lhe refletisse, procura por si, ao invés de investir no outro, fundamentando uma relação “eu-outro” que acontece dentro dos limites da consciência. Uma vez que o indivíduo ergue uma defesa contra a relação com o outro, ele se põe a rejeitar os conteúdos inconscientes, e por vezes sombrios, que surgem na relação com o outro.

A partir da negação do outro, barra-se também a possibilidade de conhecer o outro no eu, delimitando a abertura para uma relação interna do sujeito consigo mesmo, por meio de seu inconsciente e de seus conteúdos encerrados no mistério. Isso caracteriza o processo central da personalidade narcísica, um indivíduo com um vácuo interno, procurando ser visto, edificando personas que então são vistas a partir de seus papéis, fazendo com que Narciso se veja em sua relação com tais espelhos. Schwartz (2022) afirma que esse movimento perpetua uma relação sempre idealizada, baseada na performance e nos costumes, sem uma vida simbólica ardente, apresentando um indivíduo que cria cascas para tentar se ver, sempre adotando performances diferentes para se ver e ser visto, mas nunca sendo

algo de fato. É um indivíduo que sacrifica o ser pelo parecer, sempre fantasiando a si “como se” fosse aquilo que performa.

Tal negação do outro desagua em questões que circulam o tema da sexualidade. No caso que Schwartz (2022) traz ao debate, a negação do outro na relação com o mundo desaguou em uma atividade sexual hiper enérgica, assimilada ao alto consumo de pornografia e de drogas. Suas relações com o mundo erótico eram perpassadas por uma questão: a recusa da divisão, do outro, do desconhecido, encontrando até mesmo nas relações com o mundo o “eu”, sendo, no final das contas, uma relação do indivíduo consigo mesmo, uma vivência egocentrada da relação pela recusa do outro ou da dualidade.

Como o processo da sexualidade se faz nessa instância entre os polos do eu e do outro, é possível também que dessa relação surja o abafamento do eu em razão do outro, como apresentado por Magaldi (2018). O caso de Adelina Gomes, uma camponesa que foi acompanhada por Nise da Silveira, demonstra um movimento de repressão do eu, dos prazeres do mundo e do investimento pessoal e íntimo no mundo, como descrito anteriormente neste trabalho.

A expressão da sexualidade torna-se um movimento importante de reconhecimento da subjetividade, da afetividade e das conexões do campo consciente e inconsciente. Porém, sua exteriorização é marcada pelo contexto histórico-cultural, portanto, indissociável dos elementos de repressão que, principalmente, as mulheres vivenciavam, como mostra o caso de Adelina Gomes (Magaldi, 2018). O arquétipo que provoca essa reconexão do corpo e da psique e da psique com a realidade externa é a *anima*. A busca pela interioridade e pelo aprofundamento dos elementos que compõem o campo da sexualidade pode se tornar uma experiência mais feminina, que incluirá e acolherá as pluralidades dos relacionamentos afetivos.

Conclusão

Essa pesquisa teve o objetivo de responder como a psicologia analítica tem abordado o tema da sexualidade nas suas publicações científicas. A revisão integrativa da temática culminou em quatro categorias de análise: (1) aspectos histórico-culturais na leitura de *anima* e *animus*; (2) a potência do simbólico feminino na vivência da sexualidade; (3) psicopatologia e sexualidade; e (4) novas perspectivas arquetípicas sobre a leitura clássica de *anima* e *animus*.

Os resultados apontam para uma revisão dos pressupostos da psicologia analítica no que tange à sexualidade. Em especial, encontrou-se a reavaliação dos conceitos de *anima* e *animus*, que foram diferenciados dos papéis sociais masculino e feminino e ampliados para abranger um terceiro conceito, o andrógino. A potencialidade da relação com a simbologia da *anima* para a vivência da feminilidade e para a compreensão da psicopatologia foi outro resultado encontrado, bem como a amplitude da relação eu-outro nas patologias sexuais.

Percebeu-se uma carência de estudos que trouxessem entrevistas e relatos de pacientes na clínica da sexualidade em psicologia analítica. Mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ diariamente deparam-se com um mundo opressor, violento e não raro mortal, e a compreensão analítica dos sintomas que emergem dessas relações de poder somente pode se dar pelo relato dos indivíduos, em especial, daqueles que chegam aos consultórios e instituições. Essa carência apresenta um caminho para futuras pesquisas.

Outro caminho é a investigação da influência da trindade *anima-animus*-andrógino nos relacionamentos afetivos das mulheres que, com a compreensão desses conceitos, podem se configurar mais libertadoras e se aliviarem da nociva noção de complementariedade. Por fim, uma terceira via para futuras pesquisas nessa área é a análise da sexualidade sob a asa dos mitos e entidades de matrizes africanas, tema que não foi abordado em nenhum dos estudos revisados e que abrange o arcabouço simbólico brasileiro.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Faria, A. A. (2003). *Transtorno de personalidade borderline: uma perspectiva simbólica* (Monografia não publicada). Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, [São Paulo].
- Jung, C. G. (2003). *Estudos alquímicos* (OC, Vol. 13). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Jung, C. G. (2008). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1969).

- Jung, C. G. (2014). *O eu e o inconsciente* (OC, Vol. 7/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Kast, V. (1997). *Pais e filhas: mães e filhos: caminhos para a autoidentidade a partir dos complexos materno e paterno*. São Paulo: Loyola.
- Matias, C. C., Reis, G. T., Besson, J. C. F. (2023). Transtorno de personalidade borderline e os fatores que influenciam seu desenvolvimento: uma relação entre o comportamento autodestrutivo, relações familiares, traumas infantis e alterações fisiopatológicas. *Brazilian Journal of Development*, 9(5), 15952-15972. <https://doi.org/10.34117/bjdv9n5-100>.
- Mello, L., & Medeiros, V. C. (2023). Iemanjá: a senhora das cabeças: mito, simbologia, alquimia e clínica junguiana. In M. C. Zago, *As várias faces de Eva: o feminino na contemporaneidade* (pp. 150-164). São Paulo: Científica Digital.
- Moraes, D. X., Moreira, E. S., Sousa, J. M., Vale, R. R. M., Pinho, E. S., Dias, P. C. S., & Caixeta, C. C. (2020). The pen is the blade, my skin the paper: risk factors for self-injury in adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(suppl. 1), e20200578. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>.
- Prandi, R. (2001). *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stein, M. (2005). *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo: Cultrix.
- Stein, M., & Schwartz-Salant, N. S. (2021). *Transferência e contratransferência: ensaios contemporâneos sobre a interação entre analistas e pacientes da psicologia junguiana*. São Paulo: Cultrix.
- Schwartz-Salant, N. (1989). *A personalidade limítrofe: visão e cura*. São Paulo: Cultrix.
- Sant'Anna, V., Rocha, M., Nunes, N., & Tommasi, S. (2021) *Diálogos na Unipaz Goiás: mãe: símbolo sagrado de amor* [vídeo]. YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Dmauk1Zbxxo>.
- Tavares, D. (2019). *Automutilação e doenças psiquiátricas*. Barueri: GEN.
- Tropéia, E. R. (2022). *O conceito de persona na psicologia analítica*. São Paulo: Instituto Freedom.

Van der Kolk, B. A., Hostetler, A., Herron, N., & Fisler, R. E. (1994). Trauma and the development of borderline personality disorder. *Psychiatry Clinics of North America*, 17(4), 715-730.

World Health Organization. (2022). *International statistical classification of diseases and related health problems (ICD)* (11th ed.). Geneva: WHO. Recuperado de <https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases#:~:text=ICD-11%20Adoption-,The%20latest%20version%20of%20the%20ICD%2C%20ICD-11%2C%20was,1st%20January%202022.%20>

Zacharias, J. J. M. (1998). *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vetor.

Minicurrículo: Jéssica Caroline Santos - Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP; mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professora de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR. Psicóloga e pesquisadora de temas como envelhecimento, sexualidade, sonhos e psicologia analítica. Curitiba/PR, Brasil. *E-mail:* psicologianaliticacwb@gmail.com.

Isadora Rangel Rossetim de Souza – Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, aluna do PIBIC Sexualidade e Psicologia Analítica. *E-mail:* isadora.rangel1904@gmail.com.

Juan Caius Silvestre Paim - Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. *E-mail:* juan.caius.sp@gmail.com.

Laisa Kritski Braz - Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. *E-mail:* laisakristkib@gmail.com.

Beatriz Teles de Brito - Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. *E-mail:* beatriztelesbsm@gmail.com.

Ana Carolina Grabowski de Souza - Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. *E-mail:* anagrabowski@gmail.com.